



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O PARDAL ENGAIOLADO

POR AUGUSTO DE SANTA-RITA

CARLITOS era um pequenito de dez anos bastante desinquieto e extremamente traquinas. Desobedecia constantemente aos pais, mal estudava as lições, motivo porque a sua mestra, que, duas vezes por semana, ia a casa, dar-lhe as explicações, lhe ralhava e o punha de castigo. Não tinha emenda! Nas horas de recreio, o seu entretenimento predilecto era atirar pedras aos pássaros que, alegremente, cantavam no frondoso arvoredo do jardim: em redor da bela residência em que vivia, ou trepar ás árvores e roubar, impiedosamente, os passarinhos ainda implumes, dos respectivos ninhos.

Uma tarde, vendo um pardalito a comer uns baguitos de milho, junto à capoeira da criação, com tal dextreza atirou, para cima dele, o seu cha-



do em seguida a gaiola entre as duas janelas do seu quartinho de estudo.

Habitado a voar livremente, o pobre passarinho enclausurado, pôs-se, então, a piar, com aflicção imensa, debatendo-se contra as grades da gaiola, numa introduzível ância de libertação.

Quando, horas depois, a mestra do Carlitos deu por finda a habitual lição, a Mãe do nosso traquinas, sendo por ela informada da sua pouca aplicação e nenhum aproveitamento, decidiu castigá-lo, fechando-o a chave no quartinho de estudo até à hora do jantar. A lição terminara às 3 horas e o jantar era as oito. Estaria, portanto, cinco horas enclausurado! Cinco horas sem correr, livremente, pelo jardim, sem poder trepar as árvores e apanhar passarinhos! Teria, pois, durante cinco horas, uma situação semelhante à do pobre pardal engaiolado! Que horror! E começou, então, a avaliar, devidamente, a mágoa do passarinho. Uma pontinha de remorso, picava-lhe, pouco a pouco, o seu coraçãozinho que, lá bem no fundo, era bom. E pôs-se a observar a luta do passarinho, o seu imenso alvoroço, na ância de liberdade. Olhou depois para fora, para o jardim verde-oiro, à luz intensa do sol que faiscava as róseas pedrinhas das ruas ensabradadas. Abriu a janela e, já esquecido da ave, debruçou-se a olhar um passarito que, entre o gasão do caminho, a saltitar, dum lado para o outro, plays constantemente e que, ouvindo o pio do pardal na gaiola, entrou pela janela dentro, esvoaçando por cima da cabecinha afoxa do Carlitos e la-deando a gaiola.

Carlitos assistiu, então, a um doloroso espectáculo. O pardalito enclausurado era, certamente, o pai daquele

que esvoaçava em redor da gaiola e que deixara, em qualquer ramo, o ninho onde os filhinhos, talvez, aguardavam o regresso dos pais. Saudoso da liberdade, como ele, e avaliando, agora, portanto, o sofrimento da ave



prisioneira, Carlitos, num impulso generoso, abriu, então, a portinha da gaiola dando fuga ao pardal.

Contente consigo próprio, fechou a vidraça da janela e pôs-se a estudar. Qual não foi, porém, o seu espanto ao vê-lo regressar, pousar no parapeito da janela e pipilar satisfeito.

Um sentimento de profunda gratidão, guiara-o, novamente, para junto de Carlitos, a-fim de o distrair da sua provisória clausura, aliviando-lhe o castigo imposto pela mãe. Mas maior, ainda, foi o seu espanto, ao abrir a janela e ao vê-lo poisar nas costas da própria cadeirinha onde ele se sentara.



pedrinha de feltro que conseguiu apanhá-lo. Louco de entusiasmo, sentindo o pequenino coração da ave a bater desabaladamente, correu a casa, foi buscar a gaiolinha vazia dum falecido canário, e meteu-o dentro, penduran-

FIM



JUCA CAVALHEIRO

Com seu fardamento azul,
e de vivos encarnados,
o Juca, todo taful,
como o melhor dos soldados,
em seu cavalo de pau,
vale em vale e serra em serra,
Táu-táu-táu...
vai para a guerra!

Imagina que atrás dele,
segue um grande batalhão
a cavalgar num tropel,
e, em sua imaginação,
anda léguas terra em terra,
pisando areia e calhau!
Táu-táu-táu
vai para a guerra!!...

Vai para a guerra, valente,
sem nunca pensar no p'riço,
aguardando pela frente
a aparição do inimigo
que só existe, também,
na sua imaginação;
Tal e qual
como o Papão
que não faz mal a ninguém,
que não existe, afinal!

F I M

As primeiras ferias de Luizinho

POR TOUTINEGRA

(Continuado do número anterior)

Como lhe saberia bem uma maçãzinha daquelas!
Os bons ares começavam fazendo efeito, abrindo-lhe o apetite, mas... as maçãs não eram dele. Levantou-se. Para penetrar na propriedade, possuidora dos tentadores frutos, era necessário descer uma rampa e galgar uma vedação feita de pinheiros cortados, atravessados. Era difícil.

Mas... as maçãzinhas tentavam-no a valer! Não vendo pessoa alguma em redor, escondeu a espingarda no meio da erva desceu a rampa e ei-lo da parte de dentro. O mais difícil estava feito. Deitou a correr até à macieira. Felizmente não era preciso trepar; sem custo colheu umas cinco maçãs, correndo, novamente, para a vedação. Começou a saltá-la mas, parecendo ouvir alguém gritar, precipitou-se, ensarilhando de tal forma o bibe num tronco de pinheiro que se viu impossibilitado de avançar ou retroceder. Que angustiosos e aflitivos momentos passou Luiz; nem é fácil explicar. A voz do dono da fruta, ouvia-se cada vez mais próxima e êle, encavalitado nos pinheiros, sem poder de forma alguma sair dali.

Atirou as maçãs para o lado de fóra da vedação e puxava, puxava, desesperadamente, pelo bibe, sem já se importar de rompê-lo.

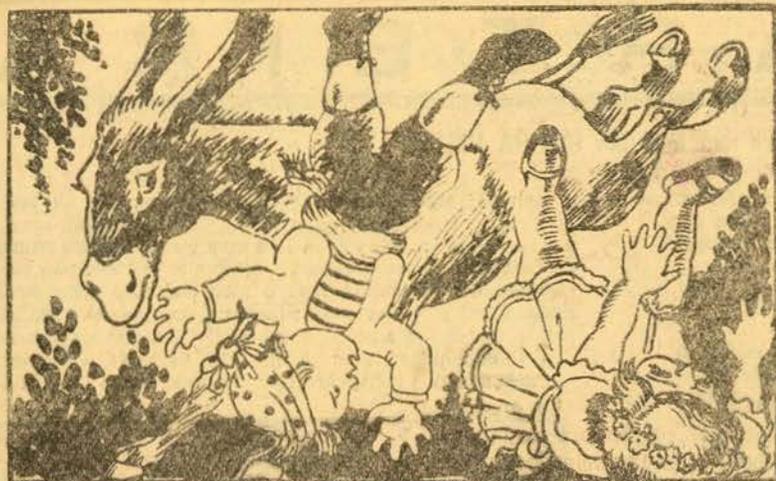
Passados momentos, surgiu, do cimo do atalho, Maria, irmã de Chico, a quem ia visitar. Que alívio! Chamou-a. Ela, abrindo os olhos de pasmo, desceu a rampa, soltando-o, o mais depressa possível. Uma vez livre, Luiz saltou, começando ambos a apanhar as maçãs, mas eis que chega junto deles o dono destas, ralhando-lhes muito, principalmente a Maria, que êle julgava ser a mais culpada e que, podendo, nunca se desculpou, para não recriminar Luiz.

O velho Estevam, dono da fruta, era muito bom; deu-lhes as maçãs, prometendo não dizer a pessoa alguma e mandou-os embora.

Luiz já não teve coragem de ir para casa de Chico. Seguiu com Maria para junto de Alice, entrando em casa a tremer, receoso que seus pais já soubessem da feia acção com que inaugurara o seu primeiro dia de férias.

Felizmente, para êle, nunca o souberam; caso contrário... Ai que





tarefa, e merecia bem, pois no alheio nunca se mexe sem a prévia e devida autorização.

Grave desastre

A espingarda de Luís fizera um sucesso entre os habitantes miúdos da aldeia. Era discutida, comentada e parece-me não errar afirmando que todos os garotos haviam sonhado ter uma assim.

Chico, o que tinha a dita de lidar mais com a arma, era sinceramente invejado e muitos dos garotos faziam sacrifícios enormes para poder empunhá-la dar, também, um tirinho.

O pai de Chico e Maria, o senhor José, arranjàra-lhes um alvo debaixo dum enorme castanheiro e passavam ali á sombra, tardes inteiras: — Luís atirando, com mais ou menos pontaria, perante uma selecta assistência de miúdos e Alice, a quem a espingarda pouco interessava, com a sua boneca e com Maria, que adorava Dinah, a ponto de, esquecida de tudo, passar horas embalando-a nos braços,

Na tarde de uma quarta-feira, serena e linda, estavam todos nas suas brincadeiras predilectas, quando se deu um grave desastre que custou muitas lágrimas a Alice e um desgosto enorme e todo o dinheiro do mealheiro, a Luís.



A um metro afastado do alvo, Dinah, sentada numa pequena cadeira de vêrga, repousava.

Luís empunhava a espingarda. Em certa altura fez fogo mas o tiro, mal apontado, em vez de atingir o alvo, foi acertar em Dinah. Ouvia-se, então, um aflitivo grito, soltado por Maria; Alice, correndo para Dinah, viu por terra a sua boneca horrivelmente feia, pois o tiro, desfechado por Luís, fizera-lhe um

buraco no lindo rosto de «biscuit». O irmão, lívido, nem se atrevia, a levantar a pobre Dinah. Foi Maria que, cheia desgosto, o fez.

Ao aflitivo choro de Alice, surgiu D. Helena que, difficilmente conseguiu calar a filha, prometendo comprar-lhe outra boneca e dando aquela a Maria que, mesmo partida, lhe deu tanta alegria que até julgava sonhar!

Luís ouviu ralhar e teve que dar todo o dinheiro que possuía para comprar outra boneca. Assim foi castigado do pouco cuidado, pois como partiu a bonequita, podia ter magoado, seriamente qualquer pessoa.

(Continua no proximo numero)



O GATO FÉLIX

Gato Félix,
nada reles,
os meninos
pequenos
cumprimento
e apresenta
boas festas,
desejando
sejam estas,
sobretudo,
motivadas
pelas notas
elevadas
ao Estudo



O PAPÃO DOS RATOS

Meninos, os ratos,
— (como vendo estão)
teem por Papão
a sombra dos gatos.

O vosso é criado
na imaginação;
não existe, ah não!
O deles é que anda
por sôbre o telhado!

A C A R T E I R A

Peça num acto por SOUSA VIEIRA

Gabinete do chefe da esquadra. Sentado á escrivaninha o chefe. Em frente e de pé um policia e um rapazote de 12 anos mal vestido e de rosto inteligente e simpatico

CENA I

CHEFE — Então o pequeno roubou a carteira?!

Policia — Isso não sei! Eu vi este rapaz sair do meio dum ajuntamento, com esta carteira nas mãos. Claro está, desconfiei. Depois ele abriu-a, e como eu estava perto, pude ver que ela estava cheia de notas — Dele não era — pois, como o chefe vê, anda tódo esfarrapado — Desconfiei... Agarrei-o e perguntei-lhe o que queria dizer aquilo. E vai ele começou-me a gaguejar e a não dizer coisa de jeito. Quiz tirar-lhe a carteira e o garoto tentou fugir; tive de o segurar a valer para o trazer até aqui.

CHEFE — (para o rapaz) — Então, rapaz, não queres dizer a quem roubaste esta carteira? (em tom duro). — Anda, responde depressa. Roubaste ou não?

RAPAZ — Eu não roubei nada a ninguém, senhor policia. — Eu cá sou pobre mas honrado, ora saiba o senhor guarda! A carteira achei-a.

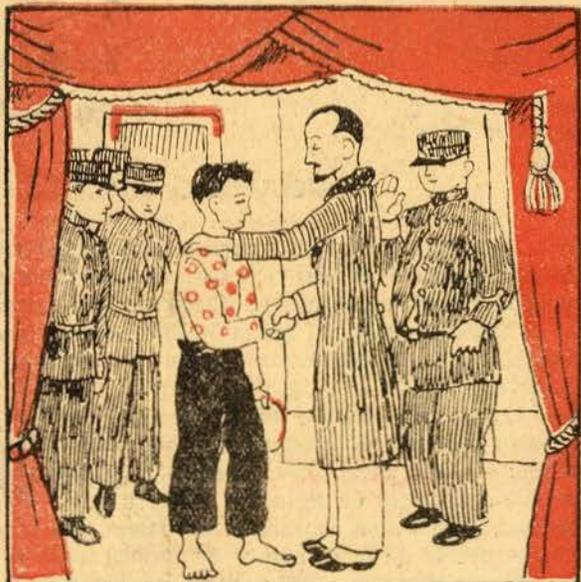
CHEFE — Responde só ao que te preguntarem e com juizo. Bom. Conta lá como a achaste.

RAPAZ — Sim, senhor! Ora saiba o senhor «Juiz» que hoje, de manhãzinha, eu ia p'ra officina do senhor Freitas, onde trabalho. — (uma boa officina, um rór de gente) — quando olho para o chão e vejo a carteira. Estava cheia que nem um ovo. — Era a sorte grande! Era a «Taluda» que me saía!! Eu parecia que nem trabalhava direito. A' hora do meu almoço, contei o dinheirinho. Um conto e quinhentos!! Estava rico! Um conto e quinhentos!! — Depois começou-me uma coisa cá por dentro a remoer, a remoer, que eu nem sei contar — Ora que maluqueira a minha! — Para que me havia de dar!! Como se aquele dinheiro fósse meu! — não tivesse dono! «O seu a seu dono» era como me tinham ensinado!! — Fiquei triste mas a modos que aliviado, assim não sei como!... Meu dito meu feito — Rebusquei na carteira e encontrei uns cartões de visita e um bilhete de identidade! Já sabia de quem era aquilo. E era minha tenção, mal acabasse o trabalho, passar por lá e entregar a carteira — Mas depois...

CHEFE — Arrependeste-te?

RAPAZ — Qual arrepender? O que eu fiz foi ir contar

a meu pai aquilo tudo — Ora ele disse-me: Fizeste bem. Isso não é nosso. Logo que cõmas, vais, direitinho, entregar isso ao dono. Até estava lá o meu tio e o senhor Nunes da farmácia que começaram a dizer que os ricos não precisavam de migalhas — mas o meu pai não quiz ouvir nada. Comi e vinha pela rua fóra, quando este senhor policia me deitou a mão! E' mal feito! Lá por ser policia, pensa que pode fazer o que lhe apetece! Charmarme ladrão!!! Eu sou pobre mas honrado, saiba vocemecê.



CHEFE — Pode ser que seja assim como dizes, pode ser — mas não me parece. — Contudo... (entra um policia que depois de fazer a continência apresenta ao chefe um cartão. Este lê e diz) — Que entr... manda já entrar esse senhor.

CENA II

Entra um sujeito de certa idade, elegante. Dirige-se para o escritorio e cumprimenta de mão o chefe que se levantou para o receber

CHEFE — Senhor doutor, como está?!

DOCTOR — Como está o meu amigo?! Eu vinha (reparando na carteira) mas precisamente (pegando nela) mas é ela, é esta mesmo! E' boa! Quere saber o meu caso amigo: — eu vinha, precisamente, por causa desta carteira. Esta manhã dei por falta dela. — Perdida ou provavelmente roubada... E eis que a encontro aqui.

CHEFE — Antes assim! Ora tenha a bondade de contar o dinheiro, antes de mais nada!

DOCTOR — Mas está certo! Um conto e quinhentos! Sim, senhor está exacto! Mas como foi isto?? E este pequeno?

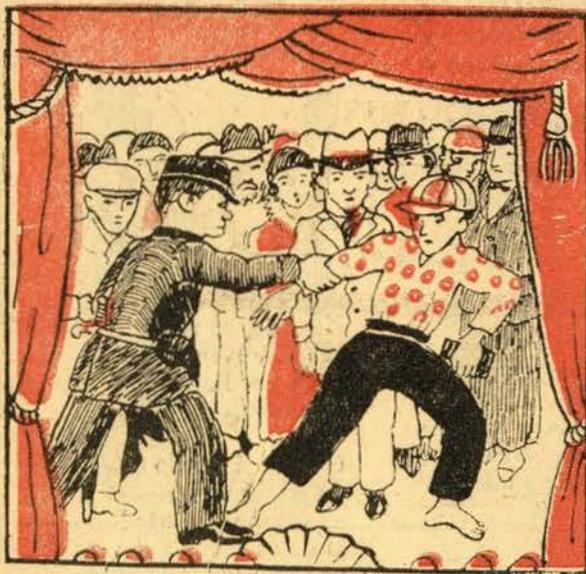
CHEFE — Este rapaz é quem tinha a sua carteira — Parece que a roubou — Ainda não sabemos. Agora vai-se esclarecer tudo...

RAPAZ — Eles dizem que roubei, mas eu juro-lhe, senhor doutor Castelo, que não roubei nada.

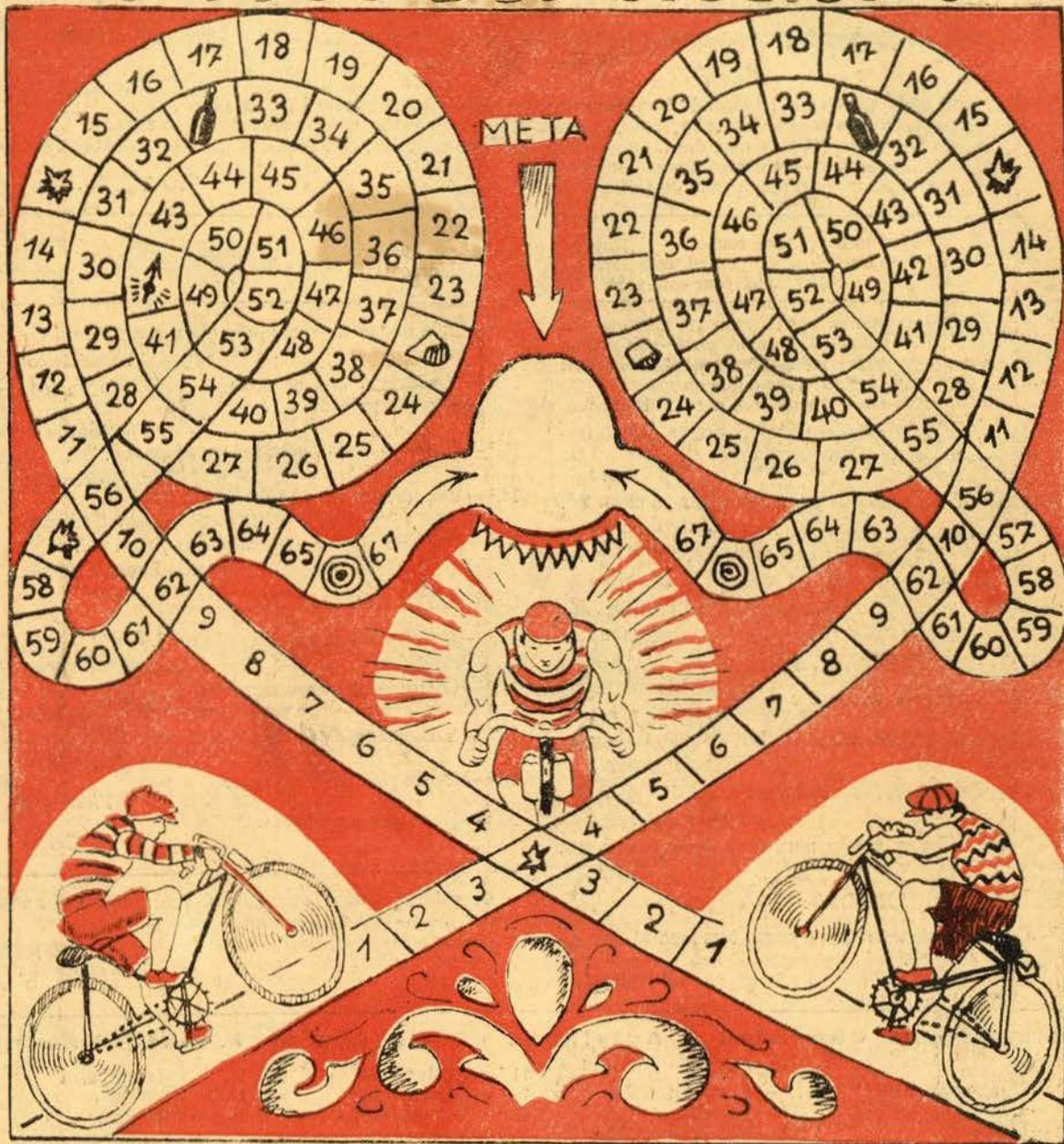
DOCTOR — Tu conheces-me?

RAPAZ — Não senhor. Mas li o seu bilhete de identidade que está dentro da carteira. Era para entregar-lha na Avenida, onde o senhor doutor mora, senão fósse cá o senhor policia «deitar-me a fатеixa!»

CHEFE — Shiu!! Cala-te! Já te disse para falares só quanto te mandarem. — Bom... (para o doutor) — Diz que



O JOGO DOS CICLISTAS



MANEIRA DE JOGAR

O interessante jogo que hoje apresentamos aos nossos pequeninos leitores, joga-se lançando os dados e contando os pontos que determinarão as posições dos ciclistas que poderão ser dois ou mais.

Os sinais representados entre os n.ºs 5 e 4, 14 e 15 56 e 58 significam *furos* nos pneumáticos.

Os sinais entre os números 25 e 24 pedras que ocasionarão *quedas*.

Os sinais entre os n.ºs 52 e 53, garrafas com que os ciclistas matarão a *sêde*.

As setas entre os n.ºs 41 e 45, *descidas* provenientes de rampas.

Os sinais entre os n.ºs 65 e 67, *entorses*.

No caso de furo, de sêde ou de queda, o ciclista perde dez pontos, voltando atrás dez casas.

Em caso de descida indicada pela seta, avança quinze casas ganhando portanto 10 pontos.

No caso de entorse volta ao princípio ficando, porém, isento de todos os obstáculos mas aproveitando a vantagem da descida caso atinja o n.º 42.

achou a carteira de manhã e lá agora, de tarde, depois de ter falado com o pai, entregá-la à sua morada!

DOUTOR — Pode muito bem ser! Eu, realmente, perdi a carteira de manhã!

CHEFE — Hum!!! Se assim fosse porque não iria logo entregá-lha? Porque não disse nada ao patrão da oficina?!

RAPAZ — Mas eu contei ao senhor comissário...

CHEFE — Contaste o quê? O que é tu contaste? Umas lérias! Mas nós é que temos obrigação de esclarecer, de investigar, enfim, de pôr a verdade a claro — não é verdade senhor doutor? Não é assim? (*Um sinal de assentimento do doutor que se sorri levemente*) Claro! Lérias!

(Continua na página 7)

1º CONCURSO de CHARADAS e ADIVINHAS

Meus amiguinhos

Com esta série, termina o 1.º Grande Concurso de Charadas e Adivinhas do Pim-Pam-Pum. Outros interessantes concursos se seguirão, concursos que, como este, muito serão do vosso agrado. A relação dos concorrentes com direito ao sorteio das ultimas séries, virá num dos proximos numeros, assim como o resultado dos sorteios e retratos dos concorrentes. Entretanto, aceitem a velha amizade do vosso

TIO TONIO.

XXI Série

(ultimas séries)

CHARADAS EM FRASE:

1.ª — Segura esta parte do rosto para poderes ir para o ceu. 2-2.

Micles de Tricles

2.ª — Uma fortaleza esta preposição e este bacêto formam uma cidade portueguez. 5-1-2.

Gina

3.ª — Está na casa e mete pena por estar na casa. 2-1.

Eurico Seixas

4.ª — Este mineral e esta parte do corpo, dão um peixe. 1-1

El-Bravo

5.ª — A flôr que é bonita é parecida com esta mulher. 2-2

Boguinhas

CHARADAS AUMENTATIVAS:

6.ª — O cofre vai na tumba. 2-2

Flôr de Lulus

7.ª — No mamifero está um jôgo. 2-2.

Nando Januario

8.ª — Com êste agasalho cobri o galo. 2-2.

Armando Saturnino

9.ª — Dêste calçado tira-se um gomo duma planta. 2-2

Mariüs

CHARADAS SINCOPADAS:

10.ª — Vi que esta agua portuguesa tem uma cidade espanhola. 5-2.

Zé Nabiça

11.ª — Esta ave domestica ajuda quem a alcança. 1-2

Pirotécnico

12.ª — Restituir o que se acha é obrigação de todo o homem honrado. 3-2.

Detective Amador

13.ª — Proximo estava uma bebida alcoolica. 5-2.

Dr. Fu-Manchu

14.ª — Esta arvore dá uma fruta. 3-2.

D. Quichote

15.ª — Naquêl buraco não tenho que fazer. 5-2.

Alfredo Lopes Cascais

CHARADAS ELECTRICAS:

16.ª — Este fruto tem um belo cheiro. 3.

Santa Camarão

17.ª — O marinheiro esqueceu o barco. 4.

Pintaleão

18.ª — A minha refeição sabe a êste animal. 2.

Príncipe Perfeito

19.ª — Esta união fez-me leve. 2.

Vidalegre

20.ª — E' sempre um quarto. 2.

Galito

A solução destas charadas deverá estar em nosso poder até ao dia 21 de Janeiro (sábado).

TIO TONIO
Rua do Século, 43
L I S B O A

Solução das Charadas e Adivinhas publicadas no N.º 361 (XIX Séries)

1.ª — Regato

2.ª — Entroncamento

3.ª — Camarata

4.ª — Serva

5.ª — Cristovão

6.ª — Casado

7.ª — Furo-furão

8.ª — Ana-anão

9.ª — Batalha-batalhão

10.ª — Rato-ratão

11.ª — Casino-cano

12.ª — Direito-dito

13.ª — Terreno-terno

14.ª — Tavira-tara

15.ª — Carlota-carta

16.ª — Palmira-palra

17.ª — Osso-osso

18.ª — Ama-ama

19.ª — Arre-Erra

20.ª — Armario

NOVOS CONCORRENTES CLASSIFICADOS



EL-DIABITO
Carlos Alberto Serra de Olivetra



José Hespanha



DESPORTISTA
A. Peralta



Manuela da Visitação Sereno



ARSÉNNE LUPIN
Luiz Augusto Ger-são Ventura



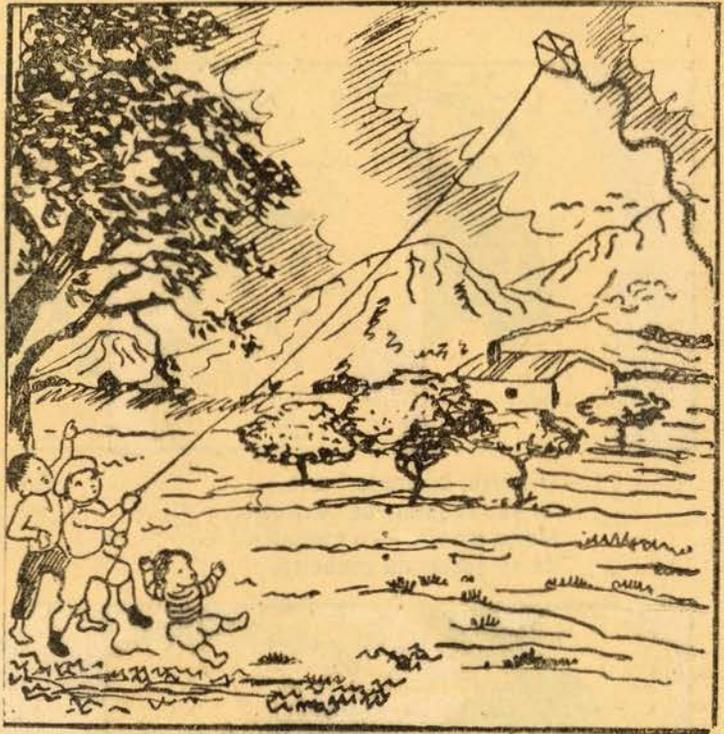
BANANIZ
Francisco Denizrindade Delicado

A PARICÃO PARA OS MENINOS COLORIREM

LUMINOSA



Recortem os nossos pequeninos leitores esta figura e, bem assim, tudo que está dentro dela, a negro, e vejam o efeito da projecção na parede, á luz duma vela.



A CARTEIRA

(Continuado da página 5)

Senão... porque não vieste logo entregar a carteira á esquadra, como era o teu dever?! Claro que o não fizeste porque querias ficar com ela! Ora bem! E porque querias tu, há bocado, fugir ao polícia que te prendeu?!

RAPAZ — Isso não, senhor Julz, ou senhor commissário, ou não sei como se chama! Eu não fui entregá-la á esquadra e fugi ao senhor polícia, só por isto — (e que meu pai não sabia) —: era que se fôsse entregá-la eu mesmo, receberia de prêmio alguma coisa! E para quem anda sempre a «tenir» era uma bela idéa!! E se a entregasse á policia, ficava a «ver navios». Ninguém se importava comigo para nada!

CHEFE — (severo) Isso não explica nada — O prêmio te-lo-ias na mesma.

RAPAZ — Isso diz o senhor commissário!

DOUTOR — Parece-me que este rapaz diz a verdade! Quanto a mim, o caso ficará esclarecido se se provar que, de facto, elle falou com o pai e o pai o mandou entregar a carteira! Sim, porque se isto é verdade, se o pai quizesse ficar com a carteira, não a deixava nas mãos do filho — guardava-a elle bem guardada. E se o rapaz tencionasse ficar com ela não a mostrava ao pai. — Parece-me que isto é lógico!

CHEFE — Talvez V. Ex.^a tenha razão! Contudo, resta saber se, de facto, o pai tem conhecimento disto! Vou mandar saber isso (Depois de inquirir do pequeno a morada, dá ordens a um policia que sai apressadamente).

CENA III

(Passada meia hora, chega o policia. Estão as mesmas pessoas. Ele perfila-se e espera; a um sinal do chefe fala)

POLICIA — Saiba o meu chefe que este rapaz não mentiu! Tôda a vizinhança sabia já do sucedido; isto é.

que elle tinha achado uma carteira! Como são estimados, pois são tidos por gente honrada e trabalhadeira, todos gabam o feito do rapaz e do pai. — Falei com o pai e com um sujeito chamado Nunes que confirmaram bem tudo quanto o rapaz disse. Ficaram todos aflitos e, com certeza, estão aí todos á espera, a ver o que succede. O meu chefe ordena mais alguma coisa?

CHEFE — Não. Podes-te retirar. (Para o Doutor): De facto, o meu amigo tem razão! (Para o rapaz) Bom! Como és um bocado atrevido e falador, eu devia mandar-te para a cadeia. Assim (rindo-se) mando-te receber o tal prêmio á casa que tu sabes. — (Assumindo de propósito um ar severo). — Mas, para outra vez, já sabes o que tens a fazer! Que isto te sirva de emenda. — Podes ir embora.

DOUTOR — (que acaba de lhe entregar uma nota de cem escudos). Isto sou eu quem te dá, não como prêmio, mas como uma ajuda para teus pais. — Sé sempre assim, e, se precisares alguma vez de auxilio, já sabes onde eu moro. — Estendendo-lh a mão. Adeus! (o rapaz sai radiante).

■ ■ F I M ■ ■

MENINOS — ATENÇÃO!

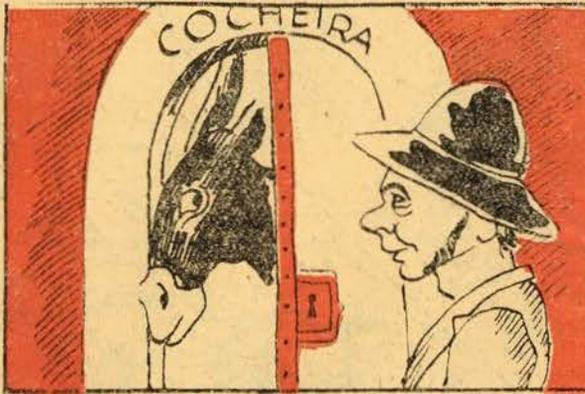
Estão quasi esgotados os volumes da

BIBLIOTECA «PIM-PAM-PUM»

Apressem-se, pois, a adquirir os poucos que inda restam eo

PREÇO EXCEPCIONAL DE ESC. 2550

O BURRO DO «TI JAQUIM»



I — O burro, bastante burro, do «Ti Jaquim» da Malveira, tem a mania, — o casmurro! — de só gostar da cocheira.



II — Sempre que tem de deixar a palha da manjedoura, êle teima em não andar e não sair para fora.



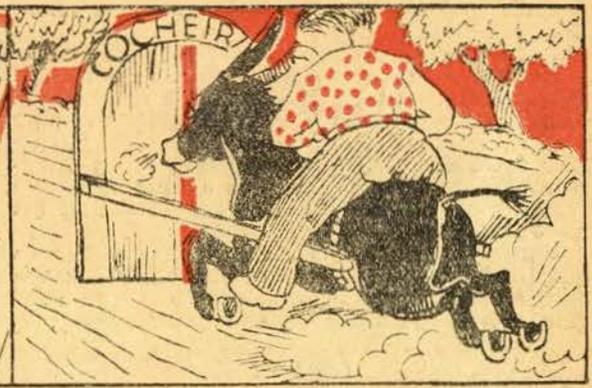
III — Porém, quando segue o rumo da cocheira, ao regressar, até chega a fazer fumo, vem nas horas de estalar!



IV — Então, num dado momento, põe-se o dono a cogitar na maneira de curar a mania do jumento.



V — Uma porta semelhante à da cocheira, eis o invento... mas de forma que diante, a veja, sempre, o jumento.



VI — Desta engenhosa maneira, consegue, logo em seguida, o «Ti Jaquim» da Malveira, caminhar a toda a brida!